

## O Problema e algumas Problematizações

Considerando o empobrecimento das condições de construção da experiência e os sofrimentos e angústias ligados ao aumento das escritas violentas e infratoras na adolescência e juventude deste tempo, objetivamos com essa pesquisa desdobrar as seguintes questões:

- **Quais são os sentidos presentes nos atos transgressivos e/ou violentos protagonizados pelos jovens da atualidade?**
- **O que esses sujeitos buscam expressar através de atos de infração e violência?**

Partindo destas perguntas norteadoras, chegamos a algumas **problematizações**:

- a) Poderiam os jovens em conflito com a lei estarem vivendo as dificuldades de encontro com o *real*, próprias da passagem adolescente, através da transgressão e dos atos de violência?
- b) Será que as situações de violência e conflitiva com a lei protagonizadas pelos jovens da atualidade funcionam como uma marca dramática de suas tentativas de “se fazer” representar no social?
- c) Como ficam as condições de subjetivação juvenil em uma cultura em que cresce o desamparo e se ofertam tão poucas condições simbólicas do ponto de vista do laço social?

## Uma proposta de intervenção a partir da circulação da palavra

Como modo de dar densidade e relevância a esses questionamentos propostos, apostamos então na:

**criação e abertura de um espaço de escuta e circulação da palavra para a população juvenil, afim de que, através da construção/transmissão da experiência, seus sofrimentos possam ser nomeados por outras representações que não os atos violentos e a conflitiva com a lei.**

Abrir espaço para a escuta e circulação da palavra é também um modo de permitir o encontro com um Outro lugar de representação de si no tecido social. A palavra, potência maior de re-significação e de geração de múltiplas versões do *real*, pode funcionar como uma oferta de recursos simbólicos que cria condições para que os jovens possam ter uma nova relação com o que é vivido - podendo, por exemplo, fazer a passagem de um ato violento e/ou infrator para um ato sublimatório.

## Decantando vivências em experiências: a função das narrações de si

Walter Benjamin (1989), filósofo alemão, cunhou em sua teoria o conceito potente de experiência, contrapondo-o ao conceito de vivência. **A vivência**, segundo Benjamin, seria uma forma de experiência isolada, que não faz laço, que não agrega nenhum valor coletivo. **A experiência**, pelo contrário, seria a possibilidade do vivido deixar marcas. Para que uma vivência decante em experiência, portanto, são necessárias condições que assegurem ao sujeito a possibilidade de, no tempo, ter uma outra relação com o que é vivido.

Nesse sentido, entendemos que ofertar a abertura de um espaço de escuta e circulação de palavra aos jovens em conflito com a lei é **possibilitar a eles uma nova forma de construção de si no laço social**, pois, como pontua Benjamin, um acontecimento pode decantar em experiência exatamente ao ser narrado e transmitido, ou seja, a experiência acontece quando pode ser compartilhada.

Sendo assim, nosso objetivo principal com esta pesquisa é **alargar a compreensão do sofrimento juvenil contemporâneo**, através do desdobramento e da articulação de conceitos da Psicanálise acerca da adolescência, da filosofia de Walter Benjamin e do tema da violência no laço social atual, a **fim de potencializar a construção de dispositivos de intervenção em saúde mental com adolescentes em conflito com a lei**.

## Escuta e circulação da palavra: como proceder?

Como ferramentas de trabalho, construímos uma intervenção que denominamos de “**Contações de si**”.

O espaço das “**Contações de si**” constituir-se-ão em um grupo formado por bolsistas e profissionais da área psi. A finalidade será ofertar um lugar de escuta e acolhimento a jovens em conflito com a lei. Nesse espaço, ele serão convidados a **falar livremente de suas histórias, vivências, inquietações e problematizações** - sem a prescrição ou eleição de uma temática.

A partir das vivências dos grupos, os bolsistas farão relatos escritos - **diários de experiências**, propiciando que se possam analisar, nos registros sequenciais das narrativas individuais e dos grupos, as temáticas trazidas, bem como a movimentação da fala e da posição dos jovens em relação, por exemplo, ao modo como narram seus atos.

## Análise dos dados da experiência

Os procedimentos de análise dos dados se sustentarão especialmente na **metodologia psicanalítica**, tomando de seu método: a **atenção flutuante** como norteadora da coleta e abordagem analítica dos dados, assim como o conceito do **a posteriori**, como um tempo em que os achados encontram as vias para formar uma relação de conjunto uma vez que sejam tecidos entre si e com a teoria (Moschen e Vasques, 2012).

A articulação do material empírico e teórico dar-se-á utilizando a leitura dirigida **pela escuta e atenção flutuante** dos textos, com a finalidade de construir um ensaio acerca da temática abordada (Iribarry, 2003; Caon, 1994). **A leitura-escuta** dos textos ocorrerá especialmente a partir de dois referenciais:

- a) **a abordagem da adolescência como operação psíquica, desde a Psicanálise** – com alguns teóricos como Jean-Jacques Rassial (1999), Maria Rita Kehl (2004), Rodolpho Ruffino (1993), entre outros.
- b) **a teoria da experiência na obra de Walter Benjamin**.

Através desta leitura-escuta serão criadas condições para a articulação dos conceitos, sobretudo, o enlace entre o trabalho com os textos e a discussão sobre os registros dos diários de experiência. O material oriundo desta articulação será construído ao longo das reuniões do grupo de pesquisa. Ele será sistematicamente gravado e transcrito, configurando uma parte do **corpus** da pesquisa.

## Referências

- BENJAMIN, W. (1936). O Narrador. In: *Magia, técnica, arte e política*. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. (1989). Paris do Segundo Império. In BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo*. (Obras Completas Vol. 3, 3. ed.,). Trad. J.C.M. Barbosa e H.A. Baptista, São Paulo: Brasiliense.
- CAON, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7 (2).
- IRIBARRY, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Revista Agora*, 6(1), 115-138.
- KEHL, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 89-114.
- MOSHEN, S. E VASQUES, C. K. (2012). A Construção do Caso como Dispositivo de Inclusão Escolar de Alunos de Zero a Cinco anos com Transtornos Globais de Desenvolvimento (Projeto de Pesquisa).
- RASSIAL, J-J. (1999). O adolescente e o psicanalista. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- RUFFINO, R. (1993). Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, Clara Regina. *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, p. 25-57.